Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE

Ficha de Identificação – Artigo Final Professor PDE/2013	
Título:	O estereótipo gráfico e a sua influência no desenho da criança
Autor	Dulce Ricken
Escola de Atuação	Colégio Estadual Ary Borba Carneiro - EFMP
Município da Escola	Cândido de Abreu
Núcleo Regional de Educação	Ivaiporã
Professor Orientador	Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza
Instituição de Ensino Superior	Universidade Estadual de Londrina
Disciplina/Área de ingresso no PDE	Arte
Resumo	Este trabalho é o relato de atividades desenvolvidas no projeto de implementação do PDE 2013. Considerando a presença massiva do estereótipo na escola, esta proposta problematiza tal situação visando conscientizar os alunos sobre as possibilidades de utilização do mesmo e intervindo na construção de novos caminhos para a criação na sala de aula. O projeto foi implementado numa única turma mista, o 6º H, cuja maioria dos alunos é proveniente da zona rural. O percurso que relato neste artigo confirmou que a proposta desenvolvida foi eficaz para a aprendizagem e a compreensão do que é um estereótipo e de como podemos a partir dele, criar, inventar e também abandoná-los em nossos desenhos. A observação, a interpretação e a construção foram os norteadores deste projeto apoiados nos referenciais de Derdyk, Pillar e Salles e se traduziram em um caminho possível no desenvolvimento do potencial criador, dando condições para a ampliação de possibilidades de expressão, comunicação e reflexão.

O ESTEREÓTIPO GRÁFICO E A SUA INFLUÊNCIA NO DESENHO DA CRIANÇA

Dulce Ricken[1]

Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza[2]

RESUMO

Este trabalho é o relato de atividades desenvolvidas no projeto de implementação do PDE 2013. Considerando a presença massiva do estereótipo na escola, esta proposta problematiza tal situação visando conscientizar os alunos sobre as possibilidades de utilização do mesmo e intervindo na construção de novos caminhos para a criação em sala de aula. O projeto foi implementado numa única turma mista, o 6º ano, cuja maioria dos alunos é proveniente da zona rural. O percurso que relato neste artigo confirmou que a proposta desenvolvida foi eficaz para a aprendizagem e a compreensão do que é um estereótipo e de como podemos a partir dele, criar, inventar e também abandoná-los em nossos desenhos. A observação, a interpretação e a construção foram os norteadores deste projeto apoiados nos referenciais de Derdyk, Pillar e Salles e se traduziram em um caminho possível no desenvolvimento do potencial criador, dando condições para a ampliação de possibilidades de expressão, comunicação e reflexão.

Palavras-Chave: Desenho. Estereótipo. Criação.

INTRODUÇÃO

A presença exaustiva de estereótipos na escola como um todo e na sala de aula, em particular, justifica a realização deste projeto que relato a seguir. Trabalhar a Arte nestas turmas que são provenientes de Escolas da zona Rural tem sido uma dificuldade, principalmente pela reprodução de estereótipos e pela a repetição de símbolos por esses alunos do 6º ano. A utilização da cópia, comum entre eles, a facilidade em copiar desenhos prontos e estereotipados faz com que a criança não queira experimentar novas possibilidades de desenho, preferindo representar os desenhos animados da televisão, cópias de modelos

[1] Professora do Colégio Estadual Ary Borba carneiro EFM. Aluna do programa de Desenvolvimento Educacional/PDE do Paraná/PR

[2] Professora Doutora e Coordenadora do Programa de Desenvolvimento Educacional/PDE da Universidade Estadual de Londrina/PR

ou ainda, cópias dos desenhos dos próprios colegas alegando não saber desenhar. Tornando-se comum o desenho de montanhas, casas, sol, nuvens, ovelhas, flores, árvores, etc. todas do mesmo tipo. Observa-se a semelhança entre os desenhos e a influência que as imagens prontas e veiculadas na mídia exercem sobre o ato expressivo da criança.

Os modelos existentes nos livros didáticos, painéis decorativos, ilustrações de histórias, ilustrações para colorir, representações estereotipadas sobre datas comemorativas, são o repertório de imagens que a criança tem contato. E ao se deparar com o fazer artístico ela simplesmente quer reproduzir os desenhos que foram dados ao longo de sua trajetória escolar por acreditarem que não consegue criar coisa melhor.

Assim, tendo como objeto de estudo a presença do estereótipo no desenvolvimento da criança e como utilizá-lo a favor da produção artística dos alunos do 6º ano foi necessário compreender a importância do Ensino da Arte e sua função na Educação.

A importância do ensino de arte

Segundo Fusari e Ferraz (2011), as aulas de arte são importantes pelo fato da escola ser o espaço onde a criança desenvolve sua potencialidade criadora, suas fantasias, sua imaginação e percepção e precisa de espaço e condições para aflorar essas potencialidades.

> [...] é a importância devida à função indispensável que arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização o que torna um dos fatores essenciais de humanização. É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação de atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. (FUSARI e FERRAZ, 2011, p.18)

A arte nos possibilita o entendimento de quem somos e como nos construímos como seres humanos.

As diretrizes e Curriculares da Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná estabelecem como um dos princípios norteadores do Ensino da Arte o princípio estético onde deverá estar envolvido o trabalho com a sensibilidade, a criatividade, o estímulo a diversidade de manifestações

artísticas e culturais. Aborda também alguns efeitos da massificação da indústria cultural nas produções artísticas como: perda da expressividade; empobrecimento do trabalhador criador; redução da experimentação; empobrecimento do conhecimento, dando-se a entender que a massificação da Indústria cultural está tornando todos do mesmo “tipo”.

Essas questões nos levam a tentar compreender como se dá o desenvolvimento da criança, conhecer os estágios do desenho infantil, em investigar o porquê do desinteresse pelo desenho e a dificuldade em se trabalhar arte no Ensino Fundamental. Com isso teremos como tirar proveito da cópia, da imitação e do uso de estereótipos comuns entre os alunos, tornando-os ponto de partida para o uso consciente em favor do desenvolvimento criativo dos alunos.

FASES DO DESENVOLVIMENTO DO DESENHO DA CRIANÇA

A dificuldade em identificar o desenvolvimento e os estágios do desenho infantil torna insignificante o universo em que a criança se situa, o que empobrece as ações com essa linguagem.

Derdyk (1989) relata que as primeiras representações da criança são rabiscos comandados pela “estesia” ela rabisca pelo prazer de rabiscar. Quando a criança desenha ela experimenta novas estruturas de movimento, vivencia novos limites, vai tomando conhecimento do espaço e incorporando nele formas e conceitos como se ela “a criança” fosse o papel e o corpo a ponta do lápis que vai desenhando nela todos os conceitos para seu desenvolvimento nervoso motor e biológico.

No seu fazer a criança vai se firmando no gesto e vai percebendo a relação da mão com olho e o cérebro. Ela não exatamente controla o seu desenho, mas vai identificando formas e novas imagens em seus rabiscos que vão surgindo. Então, o olho passa também a comandar o fazer.

Conforme se desenvolve, a criança percebe as funções de cada parte de seu corpo e o ato de desenhar vai adquirindo também novas possibilidades, assumindo o campo da realidade como num jogo. Desenhar torna-se uma brincadeira e tanto a brincadeira, o jogo ou o desenho desenvolvem dois aspectos: o operacional e o imaginário.

A criança não entende o espaço da mesma maneira que os adultos. O espaço é em torno dela, representa todos os lugares simultaneamente, para

perto ou longe de si independendo se gosta ou não do que está representando. É comum uma figura bem maior que outras. Começam a surgir os conceitos, pois a criança passa a processar a percepção dando a forma ao sentido físico e moral das coisas. A reação enquanto desenha é individual algumas falam, cantam, murmuram e outras simplesmente desenham em silêncio. Geralmente a criança interpreta e atribuem histórias expondo e revelando seus sentimentos quanto ao resultado de seu projeto, da cena representada. Ela exercita seu pensamento narrando de uma forma mais elaborada e criativa do que o próprio desenho que pode corresponder ou não a que ela desenhou.

Smolka (2010, p.105) quando fala do desenho cita Vygotsky: “Desenhar é um tipo predominante na primeira Infância. A medida que a criança cresce entra no período da alfabetização é comum seu desapontamento e frieza com relação ao desenho, abandonando o ato de desenhar”.

A IMITAÇÃO E A CÓPIA

Segundo Derdyk, (1989), a utilização de cópias e desenhos estereotipados, não é uma forma de ensino inteligente e não considera a criança um ser cognitivo. Tira da criança o poder de escolha, de decisão sobre o que interessa a ela. Ao fornecer um material para a criança ilustrar, completar, copiar, o professor e ela já sabem onde vão chegar, o resultado é obvio, ninguém pensa, ninguém toma decisão, ninguém reflete sobre novas situações. As dúvidas e incertezas são necessárias para a tomada de decisões e para o desenvolvimento do poder de criação do aluno. A cópia leva à estereotipia podando o ato criador da criança.

Com o surgimento do TV a criança ficou dependente a domicilio e exposta ao consumo, convivendo com um repertório de clichês e estereótipos, os desenhos animados parecem mais reais do que realmente ela vê e passa a reconhecer esses desenhos como verdadeiros, representando-os da mesma maneira de como estão presentes nos livros e nos desenhos da TV, repetindo e copiando incansavelmente.

As técnicas utilizadas para alfabetizar as crianças, a maneira como se manejam os materiais da escrita, a utilização do espaço, o traçado de números e letras, a direção que se deve obedecer, da esquerda para a direita, de cima para baixo, interfere no desenho. A escrita exige um controle motor que acaba

interferindo na maneira como se desenha fazendo desaparecer borrões, manchas, rabiscos e erros. Não é a criança mais quem decide, e sim o processo de alfabetização.

O sistema escolar apresenta cópias como exercícios necessários e úteis para o aprendizado das crianças como controle motor, a destreza, a técnica o domínio de observação e o resultado é a atribuição de valores como bonito, feio, limpo, sujo, certo, errado e o resultado impede a possibilidade da criança imaginar, dar significados, brincar, de construir seu pensamento, de se apropriar de sua realidade e de si mesmo.

A criança imita as ações dos adultos em suas brincadeiras, jogos, repetindo e simulando situações para se afirmar e se identificar. São estímulos que não quer dizer falta de criatividade mas é o desejo de criar uma identidade e adentrar no mundo dos adultos. Sendo a imitação e a cópia distintas, a cópia torna opressora e não amplia o conhecimento da criança, simplesmente é vazio de conteúdo enquanto a imitação dá-lhe a oportunidade de recriar, reinventar e reconstruir significados. (Derdyk, 1989)

> As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma interação radical de toda doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças. (VYGOTSKY, 1989, p. 100).

Quando a criança é “adestrada” para a escrita ela aprende a representar símbolos da esquerda para a direita e de cima para baixo. O gesto de riscar involuntário, prazeroso para riscar, se aventurar em desenhos torna-se restrito, se a alfabetização fosse mais livre e a arte não fosse retirada do currículo escolar nas séries iniciais o processo de criação seria facilitado. Aliás, a arte poderia auxiliar o professor nos processos de alfabetização, ainda que fosse utilizada apenas como recurso e não como produção de conhecimento. Cabe ao professor descobrir qual a técnica e como amparar as necessidades de intervenção na expressão do aluno.

É na escola que se encontram os estereótipos, lá a criança passa a “amar” os desenhos estereotipados e a copiar os mesmos. São desenhos utilizados por professores para deixar a Escola mais atrativa e mais agradável não percebendo

a grande ilusão em relação ao desenvolvimento da criança. Segundo Vianna (2000), as crianças passam a desenhar estereótipos para que seus desenhos sejam aceitos pelos professores e pelos colegas. As escolas preferem professores que possuem habilidades em copiar e ampliar os desenhos a professores que estimulem e libertem seus alunos das amarras do certo e do errado.

O desenho é materialização do pensamento, onde as imagens que ficam na memória, o que observamos e o que imaginamos torna-se um campo enorme de possibilidades de criação. Através do olhar percebemos as imagens e as materializamos pelo desenho, pela pintura, pela escultura, pela escrita, pela dança, etc., Encontramo-nos bombardeados por imagens, são tantas em nossa volta que não prestamos mais atenção em nada. A criança quando desenha, observa atentamente, esse olhar retém em sua memória o que ela observa. Aqui interferem o tempo e o espaço, os quais fazem parte do desenho: presente, passado e futuro que podemos relacionar com o desenho de observação, imaginação e memória. Desenhar é colocar em diálogo o interior com o exterior, é intuição, é necessidade de construir, inventar, reelaborar, imitar.

Para Vygostsky, os fatores emocionais e os intelectuais são essenciais na criação humana. O interior e o exterior do ser humano geram anseios, vontades, necessidades que se concretizam na criação humana, fatores determinantes para a compreensão do processo criativo. A relação entre a imaginação e a realidade é o que contribui para a criação artística. Tudo o que o homem cria, o que ele imagina está relacionado à sua realidade podendo assim utilizar de sua imaginação para materializar novas possibilidades criativas.

ESTEREÓTIPO

Para compreendermos a utilização dos estereótipos vamos buscar sua origem na história. A palavra estereótipo vem do grego stereos e typos compondo "impressão sólida". A palavra nasceu no mundo da impressão e refere-se à placa metálica criada para a impressão em si. Pi Ching no ano 1.000 inventou um processo de impressão adotada mais tarde pelos europeus e denominada estereotipia. Hoje, os termos significam todos do mesmo “tipo”, igual, parecido, cópia, etc. É o desenho que inibe toda manifestação de criatividade e desenvolvimento da criança.

> O estereótipo é a repetição, fora de toda a magia, de todo entusiasmo: como se fosse natural, como se por milagre, essa imagem que retorna fosse a cada vez, adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação. Imagem sem cerimônia que pretende a consistência e ignora sua própria insistência. (Vianna, 2012)

O termo “Estereótipo” tornou-se negativo devido a ascensão da burguesia que condenada à falta de ideias inovadoras incentivava a valorização do individualismo. A Sociologia retomou o termo para designar classes sociais e diferentes grupos: sul americano, latino, judeus, negros, homo fóbicos, punks, etc. O uso de estereótipos apresenta um conjunto de significado cultural também, os costumes, a língua, as crenças, lugares, rotinas de cada região trata-se de fórmulas iguais e todas tidas e aceitas como verdades. Os estereótipos pressupõem características de indivíduos, como a aparência, condições financeiras, comportamento, sexualidade e etc., tornando-se preconceituoso, pois muitas vezes rotula as pessoas causando impacto negativo sobre elas.

No desenho o uso de estereótipos também é negativo, pois, desenhar é essencial na formação do aluno. Para isso necessita de uma riqueza imensa de imagens e um ambiente fértil a novas ideias. Os desenhos estereotipados são inibidores de criatividade. A escola utilizando estereótipos autoriza a criança a repetir fórmulas sem precisar se arriscar em sonhar, encontrar novas soluções, ela apenas aperfeiçoa técnicas sem pensar ou refletir sobre a função de sua representação. .

> A imagem, seja da arte ou da cultura, é um testemunho antropológico. Por sua natureza e pelo modo como permite interações, produz formas de comunicação que podem, ou não, corresponder a experiências simbólicas, trocas Inter semióticas entre sujeitos, construção de sentidos e significados coletivos. Mas, para que ela traduza valores humanos, precisa contextualizar-se na vida desses sujeitos, torna-se mediadora entre o seu imaginário e o imaginário social, como algo inserido na sua cultura, na sua vida. É preciso que se trabalhe sobre a imagem como um valor e uma forma de conhecimento, unindo o cognitivo ao efetivo e ambos às formas vinculares de comunhão com a cultura, para que a sensibilidade oriente um agir criador e transformador. (DUTRA, 2011, p.111)

Portanto, não tem sentido o uso de estereótipo como algo correto, pois, tira a poética do fazer, a imaginação, a emoção e a razão impedindo de desenvolver a função imaginante do aluno, a necessidade de promover a relação

entre o racional e a sensibilidade como necessidade humana dialogando o homem e o mundo.

RELATANDO UM PERURSO

Para relatar as ações propostas que adotam o estereótipo como ponto de partida e compreender que os alunos não necessitam desse tipo de representação formatada, pronta, que induz ao comodismo e à falta de curiosidade, relato uma abordagem metodológica possível apoiada nas teorias de Derdyk, Pillar e Salles, através da observação, interpretação e construção. Assim, em todas as ações desenvolvidas adotei o seguinte percurso: observação, interpretação e construção, o qual explicito a seguir.

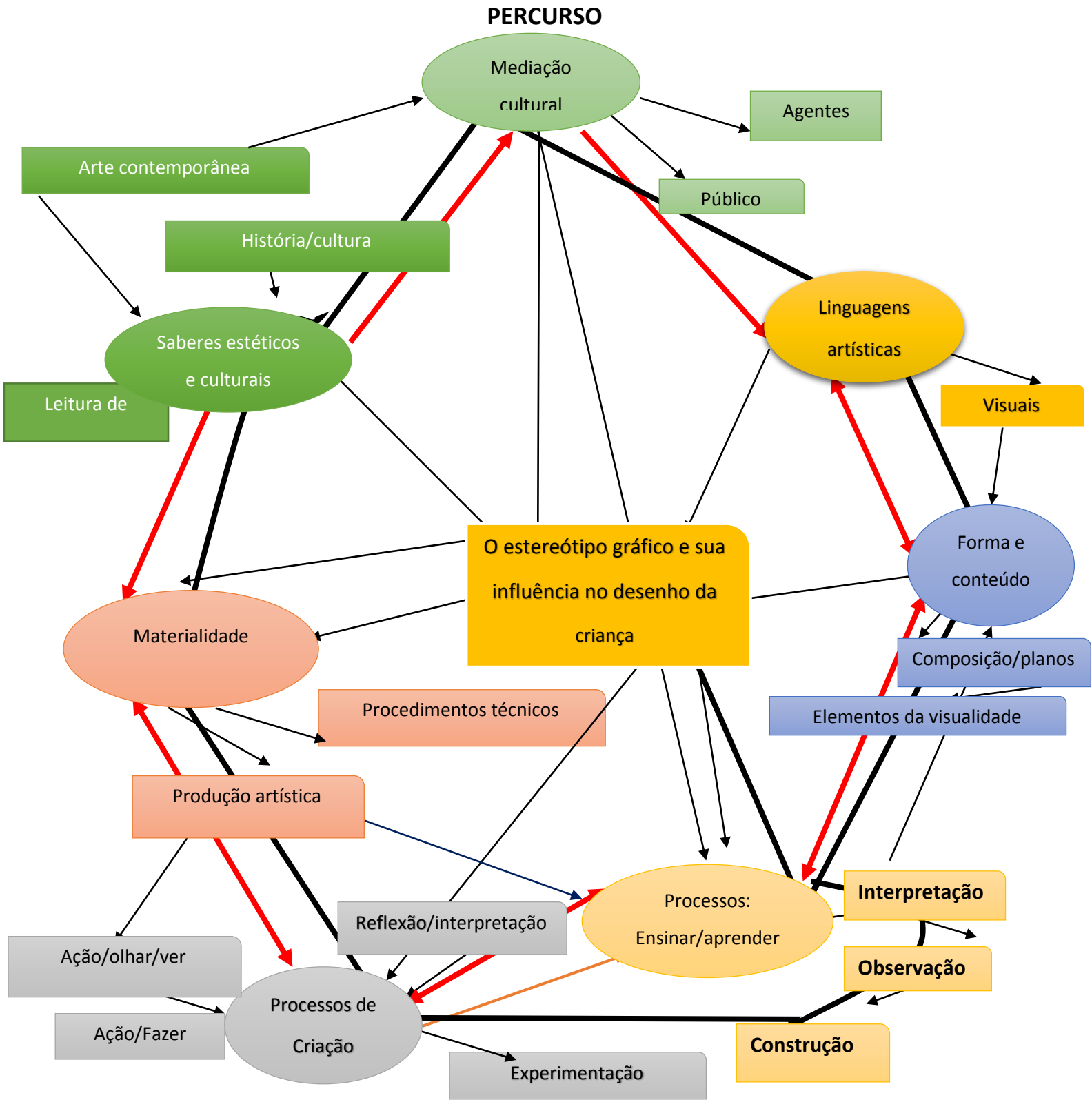
Observação: Quando olhamos para algo é como se quiséssemos alcançar aquilo que olhamos. Olhamos às vezes sem tomar consciência do que estamos olhando, olhamos apenas o superficial, sem fazer as devidas conexões entre olho e cérebro. Com tantas imagens no mundo de hoje olhamos e não vemos nada, como se estivéssemos anestesiados/hipnotizados. São tantas imagens que a informação deixa de existir, não pensamos, não vemos, não ouvimos, não sentimos. Se perguntarmos qual foi a última imagem que viu por onde você passou? Não saberíamos responder por que apenas olhamos com o olho e não com o cérebro, não pensamos, não associamos a nada o que vemos. Portanto, o propósito é aguçar o poder de pensar através da observação, convocar o olhar para o que não era percebido.

Interpretação: A partir do momento que pensamos e associamos as imagens que vemos, automaticamente estamos fazendo a leitura e a interpretação das imagens em nossa volta. Com tantos estereótipos fica impossível eliminá-los da vida escolar de nossos alunos, mas podemos utilizá-los a favor da criação. Quando observamos e interpretamos uma imagem intervimos para a compreensão do mundo, precisamos ter consciência de suas funções para compreender aquilo que estamos vendo. Assim, interpretar é produzir sentido ao que se lê.

Construção: A experiência da criação, do fazer artístico torna-se prazerosa a partir do momento em olhamos, interpretamos e encontramos sentido nisso. Aqui a construção se traduzirá na busca pela criação e não pela reprodução de imagens. A partir dos estereótipos propiciaremos a construção e

compreensão de mundo. Na construção priorizaremos o exercício na aventura da criação, a satisfação em fazer, a fantasia, a imaginação com novas significações.

Apresento a seguir um esquema gráfico do percurso trilhado, isto é, de todas as relações que procurei estabelecer neste trabalho com meus alunos.



Observou-se nas aulas de Arte que os trabalhos de arte são entregues prontos para os alunos apenas colorirem e todos da mesma maneira. Mèredieu (1974) fala do empobrecimento do desenvolvimento da criança quando a escola oferece a ela os estereótipos classificados para sua “aprendizagem” não percebendo o grande esforço que a escola faz para matar o artista que há na criança. Se pudermos comparar o desenho infantil antes e depois da criança frequentar a escola verificaremos o impacto que a criança sofre e a castração criativa é evidente.

> [...] Quem esteve em contato com crianças ou então manipulou uma grande quantidade de desenhos, sabe bem que nem todos demonstram uma expressão espontânea. A utilização de estereótipos, a imitação e a cópia são frequentes, e uma das principais dificuldades com as quais se defrontam os “métodos de expressão livre” está precisamente na amplidão e na profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida. (MÈREDIEU, 1974, p.102).

Assim, nossa primeira missão foi a Caça aos estereótipos para o reconhecimento e para a compreensão do que é um estereótipo. Realizou-se a coleta de imagens estereotipadas encontradas em casa, na escola, na rua, em supermercados, em adesivos dos cadernos, nos livros didáticos, nos desenhos feitos nas carteiras, nas paredes... O objetivo não era deixar de usar os

estereótipos encontrados mas, sim utilizá-los a favor da produção criativa do aluno, sobre temas comportamentais responsáveis pelo preconceito que gera o *bulling*, por exemplo. A partir desta atividade criaram-se personagens para cada estereótipo atribuindo-lhe aspecto físico, emocional, religioso, lugar onde vive, seus conflitos, etc. Em grupo os alunos criaram histórias de vida para seus personagens para a transformação social com relação aos preconceitos que geram o *bulling* na sociedade.

Uma ficha técnica foi utilizada para auxiliar os alunos:

Quem?	Onde estão?	Estão fazendo o que?
Nome, aspecto físico, religião...	Floresta, jardim, sítio, cidade, céu, na água, na árvore, na escola, em casa...	Brincando, discutindo, namorando, conversando, pedalando, cavalgando, jogando...
Como eles estão?	Como o dia está	Que conflito estão vivendo?
Alegres, animados, irritados, tristes, alterados, calmos, nervosos, apreensivos...	Ensolarado, chuvoso, pesado, escuro, claro...	Problemas familiares, preconceitos, vícios, humilhações, chantagens...

O *bulling* foi o tema das histórias que causaram polêmica, geraram dificuldade no desenvolvimento da atividade, mas depois de uma discussão sobre vários problemas vividos pelos próprios alunos a tarefa foi realizada com sucesso. A seguir um trabalho realizado pelos alunos.

LEITE ALCOOLIZADO

Era uma vez dois irmãos, que foram procurar novos amigos. Eles encontraram algumas pessoas e perguntaram se podiam brincar com eles.

_____ Só se vocês beberem leite com a gente, kkkkkkkkk, riram todos.

Os irmãos João Bala e Laila Bala não entenderam muito bem mas, concordaram e beberam o leite sem saber que o leite estava alcoolizado, quanto mais bebiam mais queriam beber!

Os irmãos ficaram loucos com o leite e queriam pular de um penhasco muito alto. Os falsos amigos incentivam cada vez mais, riam deles, tiram sarro e ameaçam empurrar os irmãos.

Os pais aflitos foram procurar os meninos e viram eles lá em cima do penhasco, apavorados pegaram uma escada bem alta para salvar seus filhos.

João Bala e Laila Bala aprenderam que não deve confiar nas pessoas na primeira vez.

Abner dos Anjos e Diego K. de Oliveira

Figura 1: história criada a partir da ilustração da caixa de achocolatado servido na merenda escolar

Fonte: arquivo pessoal

Depois deste trabalho, a ansiedade gerada para a próxima atividade foi evidente. A expectativa com relação a próxima aula fazia parte de todos, pois foram informados de que deveriam trazer resto de esmalte, maquiagens, creme dental, tinta, carvão de churrasco e vir com roupas adequadas para manipular os tais elementos.

A atividade foi uma proposta de Silvio Dworecki “a desinibição do gesto”[3], na qual a retomada do gesto, os traços de criança antes da escrita mostram que a relação que ela tinha com o desenho era livre, ela brincava com o traço, passando com a escrita a organizar também os seus desenhos.

Os alunos experimentaram o desenho utilizando gestos variados fazendo o contrário: linhas subiram e desceram, passearam pelo papel executando voos livremente. Tornaram visível o seu universo particular sem qualquer influência de estereótipos. A atividade foi apreciada por todos, o resultado foi positivo, apesar de causar alguns transtornos pois a empolgação e a movimentação dos alunos geram uma certa *indisciplina* tirando a escola de sua rotina.

Figura 2: Desenho livre de imagens prontas e da mecanização da escrita
Fonte: arquivo pessoal

Verificamos no desenho a liberdade gráfica sugerida por Dworecki, longe dos processos da escrita. A explosão de cores e linhas depositadas na superfície, sem direção, ocupando espaços, gerando novos significados, criando rastros que humanizam o papel.

Segundo Dworecki, (*apud* Derdyk 1989), a liberdade gráfica é conquistada no desenrolar de um processo onde os gestos se desvencilham da atitude gráfica

[3] Publicada em www.artenaescola.org.br.

adquirida na escrita, em todos os processos de aculturação pelos quais a mão passou.

Num terceiro momento os alunos descobriram que num espaço vazio várias formas poderiam aparecer – descobrir formas entre linhas que vão surgindo no papel como o vento na natureza, o caminho de volta pra casa, o voo de um beija-flor, enfim, tudo que a imaginação mandar. E a partir daí encontrar tesouros perdidos entre as linhas... novas formas, novos espaços, como se num passe de mágica nossa imaginação nos conduzisse ao maior achado: a nossa criatividade, nosso poder de criação!

Esta atividade não teve uma intenção imediata, a criança foi identificando e associando as formas encontradas com desenhos de seu cotidiano. Cada forma foi transformando conforme a criança dava asas à imaginação. A atividade provocou nas crianças uma sensação de liberdade de expressão, como se ela se libertasse da mesmice e conquistasse seu mundo. Uma explosão de formas e cores tornaram-se visíveis.

[...] Hoje desenhamos como uma artista de verdade. Antes eu desenhava sol com sorriso e aquelas nuvens... foi uma experiência incrível. (Lilian Kindziera)

> A imaginação possui uma natureza visionária, detectando a intencionalidade contida na ação humana. É o caçador que cata uma pedra prevendo o seu uso na próxima caçada, é Conversando com o Professoro cientista que inventa uma fórmula. É a criança que descobre um novo pretexto gráfico. (Derdyk, 1989, p.131)

Figura 3: Descobrindo formas

Fonte: arquivo pessoal

Figura 4: Novo pretexto gráfico

Fonte: arquivo pessoal

Analisando os desenhos podemos indentificar o gesto, o corpo criando movimentos e sensações, as formas insinuando atitude, as vezes agressivas, generosas e até confusas.

Derdyk (1989) em uma de suas propostas adota a linha como uma personagem que passeia continuamente pelo espaço, ora caminha rapidamente, ora caminha lentamente; ora a linha caminha na superfície, ora caminha dentro do papel, mas o importante é arriscar-se nessa aventura.

Na sequência apresentei uma proposta oposta ao que estava sendo realizada. A expedição para a observação da natureza, escutar o silêncio, apreciar as imagens como realmente são: formas, texturas, cores, folhas, flores, sementes, gravetos, pedras... A diversidade de árvores, aves, pessoas... olhar, saborear, apreciar as coisas, os desenhos presentes no mundo, na natureza! Olhar o que antes não era visto, as imagens em seu estado natural, criado pelas mãos divinas e não com intenções implícitas. A observação fez com que as crianças se sensibilizassem e se conscientizassem em relação à preservação e também ao consumismo que nos influencia com a existência de estereótipos.

Imagem 5: Desenhos da natureza ainda com algumas influências estereotipadas

Fonte: arquivo pessoal

[...] *Observar as coisas é muito legal, a cada aula estamos aprendendo mais... Quero dar adeus aos estereótipo*s. (Eduarda Jarenczuk)

Buscando observar e renovar o banco de imagens em nosso cérebro para construir um novo processo e analisando os desenhos podemos ver a presença da linha do horizonte e a tentativa de novas formas; os caules marrons, as copas arredondadas e o céu totalmente azul ainda estão presentes, mas sem olhos, bocas, braços tornando a atividade de carácter prático no processo de observação e construção.

Observamos a imitação em alguns desenhos mas considerei positiva pois segundo Souza (2007), diz que a imitação é algo que inúmeras vezes ocorre, pois certas crianças têm dificuldade em começar um desenho antes que as outras, entretanto, isso não inviabiliza um processo de construção importante.

A proposta seguinte foi o contato com a cidade, já que a maioria dos alunos são da zona rural, observamos a cidade e coletamos imagens de fachadas, calçadas, praças, igrejas, muros, escadas. As crianças buscaram obter informações sobre seus habitantes – o que pensam, sentem e como vivem as pessoas que as construíram e habitam a cidade. Desenharam uma variedade de detalhes encontrados. A atividade contribuiu para o conhecimento e valorização do patrimônio púbico e também com relação ao respeito aos cidadãos e as pessoas que habitam nossa cidade.

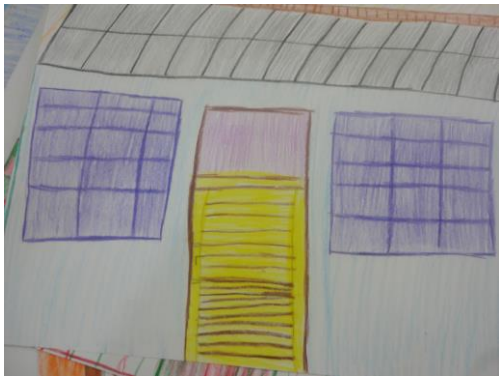


Imagem 5: contemplando a cidade

Fonte: Arquivo pessoal

A atividade enriqueceu os desenhos, podemos concluir que os trabalhos nada mais têm em comum com os que estavam habituados a fazer. Mudou a concepção de casa, portas e janelas; as imagens passaram a fazer parte do cotidiano dessas crianças, um novo olhar comprometido com o fazer. As imagens fazem parte dos sentidos dos alunos.

Os estereótipos recolhidos pelos alunos formaram figuras humanas representando todos os seres humanos que são interferidos pelos modelos prontos alienados, atrelados ao consumo sem analisar a intenção que há neles. Vale a pena registrar aqui um comentário feito pelo aluno Abner dos Anjos Christo: [...*Os estereótipos são uma farsa].*

Imagem 6: Imagem representando os seres humanos alienados aos estereótipos

Fonte: Arquivo pessoal

Os passos percorridos neste trabalho, visando atingir nosso objetivo foram estes:

- Observar as produções artísticas dos alunos;
- Discutir com os alunos sobre a utilização de estereótipos e de cópias presentes;
- Mostrar para os alunos porque os estereótipos serão imprescindíveis nesta abordagem pedagógica, pois assim perceberão como os clichês estão presentes em seus trabalhos;
- Provocar o aluno em seu processo de criação estimulando-o a observar atentamente tudo o que vê, fazendo-o experimentar procedimentos variados criando assim sua linguagem pessoal e estilo próprio.
- A avaliação se realizou através de montagem de portfólio, onde os alunos anotaram e comentaram sobre as atividades e seus resultados.

Esta proposta foi socializada também no grupo de Trabalho em Rede, o qual faz parte das nossas atividades como professores PDE e os participantes

foram são unânimes a favor das atividades desenvolvidas, na construção de uma metodologia que contribua com o processo de aprendizagem. Somos influenciados e bombardeados por diversas questões sociais e culturais. Levamos uma vida para aprendermos, mas muitas vezes desaprendemos. Nossos alunos vêm das mais distintas situações e estão ali também pelos mais diversos motivos, pois foi o tempo que o aluno utilizava a escola exclusivamente para estudar. Diante dessa situação comentada por vários participantes, ficou claro que precisamos sempre levar em consideração o "processo" de construção do conhecimento em arte, pois o uso de imagens já prontas serve de referência para se trabalhar muitos assuntos, desde que seja de forma consciente.

CONSIDERAÇOES FINAIS:

Contemplando os resultados das atividades sobre a utilização da cópia e o uso dos estereótipos a favor da criatividade do aluno, já que é impossível bani-los de nossas vidas, podemos dizer que esta é uma proposta a ser socializada com outros professores de artes e de outras disciplinas também, por apontar alternativas que podem tornar as aulas motivadoras e inovadoras, possibilitando unir teoria e prática na certeza de uma educação eficaz fundamentada.

Inúmeros colegas apontam como dificuldades mais evidentes de se trabalhar arte nas escolas: a desmotivação pela desvalorização da disciplina, a falta de espaço apropriado, a reclamação com a desorganização e o barulho que as aulas provocam, entre outros. Os desafios são constantes pois as críticas por profissionais da educação pela falta de conhecimento com relação às aulas de arte, muitas vezes associadas à brincadeira e à descontração parecem desculpas para a não realização de aulas motivadoras devido aos "problemas" que causam na escola tirando as pessoas de uma rotina estabelecida.

Podemos reconhecer que o percurso relatado neste artigo é um caminho possível na solução da problematização apresentada, seguindo os eixos que norteiam a pesquisa, assim, observar, interpretar e construir é eficiente na busca por novas possibilidades criadoras em sala de aula, utilizar os estereótipos a favor da criatividade como também fazer com que os alunos queiram abandoná-los em suas criações.

Ao professor é necessário atenção e objetivos claros para as aulas de arte, pois, observando e conversando sobre os assuntos podemos conscientizar nossos alunos sobre a importância da arte em suas vidas, e como ela pode nos auxiliar a denunciar os problemas mais presentes em nossa sociedade contemporânea, como o bulling, o consumismo, a grande produção de lixo no planeta, etc.

Cabe ressaltar que a avaliação precisa sair do estereótipo também, para realmente se efetivar a aprendizagem, pois muitas vezes deixamos de adotar recursos que não só mostrariam quais os melhores caminhos para seguirmos, como também ampliariam os horizontes de nossos alunos tornando-os coautores nos processos de aprendizagem. Um exemplo disso seria a utilização do portifólio que em sua montagem dá liberdade para o aluno acrescentar, analisar, apreciar e compartilhar seus trabalhos.

Encontrar um novo jeito de caminhar, uma metodologia que une a prática e a teoria é um passo importante para o ensino da Arte no 6° ano, já que isso muitas vezes não acontece nas séries iniciais do ensino fundamental e também no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

DUTRA, Analice. **A Educação do olhar no ensino das artes**, 6ªed. Porto Alegre: Editora mediação, 2011.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papirus, 1988.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**, São Paulo: Cultrix, 1974.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares para o Ensino de Arte e Artes para a Educação Básica**, Curitiba, 2006.

SALES, Cecilia Almeida, **Gesto Inacabado**, São Paulo, Intermeios, 2011.

SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; Imagem Texto: **Funções do estereótipo gráfico no desenvolvimento de competências** – Universidade Estadual de Londrina-PR-UEL, 2007.

SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; Imagem Texto: **Uma experiência de leitura e produção de texto com alunos do Ensino Médio** – tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina-PR-UEL, 2007.

Ministério da Educação. **Desenho arte e criação**. São Paulo: Instituto Arte na Escola. 2006. Disponível em www.artenaescola.org.br Acesso em maio 2013.

VYGOTSKY, LS A **formação social da mente**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ **Imaginação e criação Infância**. 3ªed. São Paulo: Editora Ática Fontes, 2010.